

FEBRA  PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[55]

WWW.FEBRAPSI.ORG.BR

ARTIGO

Convivendo
com as Diferenças
na Sociedade
Contemporânea

*de Altamirando Matos de
Andrade Júnior*

PÁGINA 05

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

A criança e as novas
configurações familiares

com Gina Khafif Levinzon

PÁGINA 09

ENTREVISTA

“Arte, história
e psicanálise no palco”

com o diretor Sérgio Modena

PÁGINAS 10 e 11

XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise 2015:
ÊXITO E ENVOLVIMENTO

PÁGINA 04



Queridos Colegas!

Chegamos ao fim de nossa caminhada: árdua, trabalhosa, mas de alegrias e compensações pelo convívio com os companheiros de diretoria. Trabalhamos irmanados, visando a uma meta comum: o engrandecimento da FEBRAPSI, tornando-a mais atuante junto às federadas.

Também nos alegrou a receptividade das federadas, convidando-nos a participar nas atividades em suas instituições.

Em relação a nossa diretoria, muitas seriam as realizações que gostaria de destacar: a organização e catalogação dos documentos da sede, comandadas pela Vera Benchimol, superintendente, e Paulo Lessa, secretário; o exitoso planejamento financeiro conduzido por Rosângela Faria, tesoureira. Também destaco o trabalho do Diretor do Conselho de Coordenação Científica, Daniel Delouya que, com Beatriz Busatto, a secretária do Conselho de Coordenação Científica, trabalhou intensamente para a organização do XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, um sucesso inquestionável, e na elaboração das atividades preparatórias com as federadas.

Com relação ao Congresso, devemos creditar parte do êxito ao Comitê Local, cuja equipe coordenada por Nilde Parada Franch, presidente da SBPSP, muito contribuiu para o sucesso do evento.

Voltando às ações da diretoria, menciono Ana Paula Terra Machado, diretora do Conselho Profissional, que representou a Febrapsi de forma marcante no movimento Articulação e trabalhou frente às questões ligadas às atividades do exercício da psicanálise.

O Diretor de Publicações e Divulgação, Zelig Libermann, junto com a Comissão Editorial, esteve à frente do FEBRAPSI Notícias e demais meios de comunicação. E também coordenou a confecção de um aplicativo para celular (app) que substituirá o Rôster impresso, projeto que visa a tornar nosso catálogo mais ágil e de menor custo.

Destaco a nossa Revista Brasileira de Psicanálise (RBP), inicialmente comandada por Bernardo Tanis, que, ao longo do tempo, passou o bastão para Silvana Rea. A ambos agradecemos pela eficiente condução da RBP e pela participação ativa na organização do congresso. Agradeço também a José Fernando de Santana Barros, diretor de Relações Exteriores, que muito contribuiu com sua experiência e companheirismo.

Aos prestimosos e eficientes Renata Lang, pela competência na função de assistente da diretoria, e Karel Ublo, pelo gerenciamento e cuidado atento com nossas finanças.

Gostaria, ainda, de destacar três novos projetos elaborados por essa diretoria.

O primeiro deles, a Responsabilidade Social, surgiu de uma conversa com Leonardo Francischelli sobre a possibilidade de a FEBRAPSI reunir as federadas que exercem atividades nesta área. Demos início, então, a encontros dessas instituições, resultando na formação de uma Comissão de Responsabilidade Social, que, coordenada por Bruno Salésio, teve, pela primeira vez, um grande espaço no Congresso de São Paulo.

O segundo projeto é o Primeiro Congresso de Psicanálise da Língua Portuguesa, sob a coordenação do colega Ney Marinho. Dois congressos de psicanálise, organizados por Pedro Gomes, reunindo Brasil e Portugal já haviam sido realizados, em Lisboa e em Salvador. Pensamos, então, em acolher os países de língua portuguesa da África e Ásia, os quais não possuem sociedades psicanalíticas, mas têm grupos interessados em psicanálise. Teremos um enriquecimento, através da troca de experiências com diferentes culturas e suas formas de lidar com o sofrimento psíquico.

O Projeto Memória visa a preservar o acervo de documentos e registros armazenados em nossa sede, que contam a história da Febrapsi e da trajetória da psicanálise no Brasil. Deixaremos este projeto, iniciado por Paulo Lessa e Vera Benchimol, como herança para a direção que nos sucederá.

Despedimos-nos com o sentimento de dever cumprido e antevendo a saudade destes dois anos de trabalho e convívio grupal. Mais uma vez, meus agradecimentos a todos que colaboraram nesta gestão.



Aloysio Augusto D'Abreu
PRESIDENTE

Prezados colegas,



A vida humana se define pela ação conjunta das pulsões de vida e de morte, e as expressões desse amálgama dependem das relações quantitativas entre ambas. Recentemente, ao elaborarmos a pauta dessa edição, na qual, tendo como mote os textos Ricardo III, de Shakespeare, e As Exceções, de Freud, abordaríamos a convivência com as diferenças culturais, nos defrontamos com fatos que evidenciaram distinções no predomínio de uma ou de outra das pulsões.

Primeiro, nos deparamos com o êxodo daqueles que fugiam das guerras e da miséria que assolam o Oriente Médio e a África. Em busca de sobrevivência, milhares de pessoas empreenderam uma perigosa jornada em direção à Europa.

Depois, foram os ataques terroristas em Paris, chocantes pela agressão e destruição, mas também pelo simbolismo de ataque à vida e a um modo de viver em seu sentido amplo.

Salientando toda a complexidade dos fatos, podemos considerar que esses fenômenos mostram distintas perspectivas. No primeiro, em que pese a incerteza sobre a reação dos europeus (e ela ocorreu de forma ambivalente), sonhando com uma vida melhor, os migrantes teriam apostado na lógica da esperança enlaçada à pulsão de vida. No que tange ao terrorismo, predominaram o ato e a pulsão de morte, ligados à lógica da eliminação frente à impossibilidade de reconhecer o outro como o "semelhante diferente".

E como não fazer uma conexão disso com o outro destaque dessa edição do FEBRAPSI Notícias, o XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, que propôs justamente o debate Sonho/Ato: a representação e seus limites?

Mas... Esse número do FEBRAPSI Notícias marca também o encerramento da gestão 2013-2015. É, portanto, tempo de despedida e de agradecimentos.

Primeiro, gostaria de agradecer a todos os leitores que se manifestaram ao longo desses dois anos através de sugestões, críticas e palavras de incentivo.

Também agradeço aos colegas da Diretoria por esse tempo de convivência fraterna.

E por fim, mas não menos importante, agradeço de forma muito especial a Kátia Radke, editora associada, a Elisabeth Wolf, Sandra Wolffenbüttel e Carlos Augusto Ferrari, membros da Comissão Editorial e à jornalista Ana Klein pela convivência extremamente agradável, pelas boas ideias para elaboração das pautas e pelo empenho permanente..

Desejamos a todos uma boa leitura!



Zelig Libermann
EDITOR

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE
PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editor: Zelig Libermann

Editora Associada: Katia Wagner Radke
Comissão Editorial: Elisabeth Meyer Wolf
e Sandra Regina Wolffenbüttel.

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Ana Klein DRT/RS 8741 Vera Nunes DRT/RS 6198

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Anderson Muniz / Daniella Ferst - CLEMENTE DESIGN

IMPRESSÃO

Gráfica Odisséia

Federação Brasileira de Psicanálise

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704
RJ - CEP 22020-001

Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138

email: febrapsi@febrapsi.org.br

site: www.febrapsi.org.br

*Sugestões, dúvidas ou críticas podem ser enviadas
para jornal@febrapsi.org.br*

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

elege e empossa o Conselho Diretor 2015-2017

Em 29 de novembro de 2015, em Fortaleza (CE), ocorreu a Assembleia de Delegados que elegeu e empossou o novo Conselho Diretor para o biênio 2015-2017.

Também decidiu-se as próximas sedes do Congresso Brasileiro de Psicanálise, de forma a contemplar as diferentes regiões do país. Assim, em 2017, o Congresso será na região Nordeste, em Fortaleza. Depois, Sudeste, em Belo Horizonte; no Centro-Oeste, em Brasília e em Porto Alegre, na Região Sul.

O Diretor do Departamento de Publicações e Divulgação, Zelig Libermann, apresentou o projeto do aplicativo para celular (App) do Rôster. Segundo ele, "o dispositivo tornará ágil a atualização do catálogo, que poderá ser executada por demanda, diferente do atual modelo impresso a cada dois anos. Outra vantagem é a eliminação de custos futuros, pois a inserção de dados será feita pelos funcionários da FEBRAPS". Brevemente, o App estará disponível nos sistemas operacionais dos celulares.

Nilde Franch, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) propôs a criação de uma comissão ad hoc para a definição das competências das federadas e da FEBRAPS quando da instalação de novos Núcleos ligados à Federação. A proposta foi aprovada, ficando a instalação da comissão a cargo do novo Conselho Diretor. Também se deu a homologação do Núcleo Psicanalítico de Uberlândia (MG) como parte da FEBRAPS.

A apresentação do relatório de prestação de contas do atual Conselho Diretor (CD), cujo mandato estava se encerrando, teve aprovação da Assembleia.



ASSEMBLEIA DEFINIU FORTALEZA COMO SEDE DO PRÓXIMO CONGRESSO, EM 2017

CONSELHO DIRETOR PARA O BIÊNIO 2015-2017

Presidente: Daniel Delouya (SBPSP)
Secretária Geral: Anete Blaya Luz (SPPA)
Tesoureiro: Wagner Francisco Vidille (SBPSP)
Diretor Conselho Coord. Científica: Ney Couto Marinho (SBPRJ)
Diretora de Comunidade e Cultura: Cintia Xavier de Albuquerque (SPB)
Diretora do Conselho Profissional: Rosane Muller (GEPFOR/SPR)
Diretor Deptº Publicações e Divulgação: Celso Halperin (SBPdePA)
Diretora Superintendente: Rosa Maria Carvalho Reis (SPRJ)

ABC ELEGE NOVA DIRETORIA E COMEMORA RESULTADOS DA GESTÃO

O encerramento da atual gestão da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) se deu no Pré-Congresso de São Paulo, no encontro com psicanalistas de vários estados brasileiros, em uma síntese de todos os encontros regionais. "Chegamos ao final de nossa gestão bastante orgulhosas com nossas conquistas", constata a presidente da entidade, Miriam Altman.

Essa prática reforça o que, segundo Miriam, é o objetivo maior da ABC, "promover o encontro entre os colegas e discutir pontos importantes da formação, o que foi feito até agora e é uma experiência insubstituível".

Na assembleia foi eleita a nova diretoria da ABC que assumirá a partir de janeiro de 2016, composta pela chapa de Fortaleza, onde ocorreu o encontro Nacional. "Tenho certeza que a passagem de diretoria será harmoniosa e que haverá uma continuidade profícua dos trabalhos devido ao engajamento que os colegas já vêm demonstrando", afirma Miriam.

O Congresso Brasileiro de Psicanálise em São Paulo também serviu de palco para votação de duas importantes alterações no estatuto da ABC: a mudança da sede para o Rio de Janeiro, junto à FEBRAPS e a expansão da diretoria, aumentando o número de cargos de quatro para sete, adicionando um diretor de sede, um diretor de Comunicação (site, Facebook e mídia) e um 2º secretário.

Segundo Miriam, "Foi necessária essa expansão da diretoria, pois as responsabilidades são grandes: além da organização dos encontros regionais, do Nacional, do Pré-Congresso também nos ocupamos da publicação do Construções". Aliás, sobre a publicação Construções IV, "Sonhando a Formação" a presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) Nilde Parada Franch avalia que ela "permite entrar em contato com a produção e o pensamento psica-

nalítico de nossos colegas, trazendo a todos nós, analistas brasileiros, uma percepção do trabalho psicanalítico teórico e clínico desenvolvido nos vários estados de nosso país".



LANÇAMENTO DO LIVRO CONSTRUÇÕES IV: MONICA POVEDANO, EVELYN PRYZANT, JANICE BICUDO E MIRIAM ALTMAN

NOVA DIRETORIA DA ABC. GESTÃO 2016/2017

A nova diretoria eleita assume suas funções a partir do 1º de janeiro de 2016:

PRESIDENTE - Francisco Helder Lima Pinheiro Junior - Gepfor
VICE PRESIDENTE - Walmy Silveira Pereira - Gepfor
TESOUREIRA - Angelica Almada Horta Montero - Gepfor
DIRETORA DE SEDE - Daniela Bormann Vieira - Instituto da SPRJ
1º SECRETÁRIO - Erbon Elbsocaierbe De Araújo - Gepfor
2º SECRETÁRIA - Joana Pereira dos Santos Bandeira de Melo - Instituto da SPRPE
DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MÍDIA - Kliciane da Silva Oliveira Nogueira - Gepfor



Avaliando o Congresso: ÊXITO E ENVOLVIMENTO

O XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise em São Paulo entre 28 e 31 de outubro de 2015 teve como tema "Sonho/Ato: A representação e seus limites" que, desde a sua definição deu início a uma série de eventos. No segundo semestre de 2014, a SBPSP organizou um grupo de estudo sobre o tema com agenda mensal coordenada pela psicanalista Lara Noto. No mesmo período, a FEBRAPSI participou de jornadas em diversos estados do Brasil.

As atividades serviram como estímulo para propostas de mesas-redondas veiculadas pelas federadas, bem como para trabalhos de temas livres e dos que concorriam aos prêmios do Congresso (candidato, membro associado, membro efetivo e didata), avaliados por comissões da diretoria, o da ABC e o da Revista Brasileira de Psicanálise (RBP).

A abertura do Congresso contou com a presença dos presidentes de todas as federadas e a saudação dos presidentes da IPA, Stefano Bolognini, da Fepal, Fernando Orduz, da sociedade anfitriã SBPSP, Nilde Parada Franch e da ABC, Miriam Altman. O diretor científico da Febrapsi, Daniel Delouya, expôs o plano do congresso e o presidente Aloysio d'Abreu deu as boas-vindas aos congressistas. Após a distribuição dos prêmios, seguiu-se o programa cultural e o coquetel de abertura.

Entre 29 e 31 de outubro ocorreram ativida-

des durante todo o dia. Doze salas estiveram disponíveis, simultaneamente, para as atividades do evento. Foram treze cursos, quatro grupos de trabalho, bem como três tipos de plenárias - eixo didático, comemoração do centenário de textos da metapsicologia, e responsabilidade social. Além de oitenta e cinco mesas-redondas e cinquenta e quatro de temas livres, o Congresso teve a exposição de vinte e um temas de Reflexões Psicanalíticas, seis mesas de exercício clínico e duas de apresentação de caso clínico. Em todos esses espaços, a plateia participou ativamente dos debates. Oito pôsteres tiveram exposição permanente. Houve ainda o lançamento de vinte e um livros e três revistas e, também, espaços para reuniões administrativas de entidades como ABC, OCAL, FEPAL, IPSO, RBP, Movimento Articulação, Congresso de Língua Portuguesa etc. Dos 1.301 participantes, aproximadamente a metade participou das mesas como autores

ou coordenadores. "Eis uma comunidade bastante ativa e interessada em transmitir, discutir e prosseguir no avanço de conhecimento de nosso ofício e sua ampliação no âmbito da realidade brasileira. Um empreendimento de sucesso!", avalia Delouya.

Um conjunto de federadas se organizou para grupos de trabalhos e para duas plenárias, nacional e internacional, de Responsabilidade Social.

Segundo Delouya, "o sucesso está calcado no estímulo que o tema gerou nas federadas, nos membros e no público para o qual abre suas atividades. O envolvimento da diretoria da Febrapsi como um todo e, muitas vezes, presencialmente nas atividades, merece ser destacado, apontando para a integração do Congresso na ligação da diretoria da Febrapsi com a comunidade de suas federadas".

EVENTO TEVE MAIS
DE 1.300 PARTICIPANTES



Responsabilidade Social GANHA ESPAÇO EM DEBATE

Co debate sobre a responsabilidade social da psicanálise foi destaque no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em outubro, em São Paulo. No amplo espaço disponibilizado às federadas que integram o grupo de responsabilidade social da entidade, SPRJ, SBPRJ, SPPA, SBPPA, SBPSP, SBB e SBP apresentaram relatos dos projetos em andamento nessa área. Na plenária internacional, os presidentes da IPA, Stefano Bolognini, da FEPAL, Fernando Ordúz, e da FEBRAPSI, Aloysio Abreu, abordaram as inquietações, os desafios e as possibilidades inerentes àqueles que trabalham em ações de cunho social. Na plenária nacional, da qual participaram Paula

Fabiani, representante da IDIS- Instituto do Desenvolvimento Social, e a psicanalista Maria Teresa Lopes, debateu-se as possíveis parcerias com órgãos públicos e o quanto estas representam um caminho interessante.

Nesse sentido, o desafio maior seria conseguir que psicanalistas pudessem contribuir na definição das políticas públicas em saúde mental.

Ao participar de equipes interdisciplinares que atendem problemas vividos no âmbito do sujeito social, o psicanalista se vê frente a novos desafios. Se por um lado existe a convocação para que profissionais dessa natureza contribuam para a compreensão da experiência emocional não elaborada, e,

portanto, potencialmente traumática, não há como ignorar certo desconforto quando a questão é definir o que e como fazer. Como manter a identidade profissional? Como chegar a uma noção compartilhada, e, além disso, como se manter confortável em conversas com interlocutores não psicanalíticos? Quais técnicas e pressupostos terapêuticos escolher dentro de sua bagagem clínica e referencial metodológico, que permitam fazer um trabalho psicanalítico? Como fica a questão do setting, da transferência e do inconsciente nesse movimento em direção ao social? Essas, entre outras inquietações, perpassam reflexões dos psicanalistas envolvidos nessas experiências.

NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O título conviver com diferenças nos dá a ideia de dificuldade e não de convívio harmonioso. Se assim fosse, não precisaríamos contextualizar o fato. Estaríamos sintonizados com as diferenças e em paz com a sociedade contemporânea. No entanto, por mais que se desenvolvam a ciência, a tecnologia e os recursos para lidar com as intempéries da natureza nos distanciamos uns dos outros tomados pela intolerância com as diferenças.

Aos fatos: estamos próximos de vencer a mazela da AIDS, chegamos ao distante planeta Plutão, avançamos em todos os ramos da Ciência. Porém, não conseguimos resolver os básicos problemas de sobrevivência cotidiana decorrentes das diferenças entre nós e os outros. Observamos a crescente espiral violência dos movimentos políticos e sociais envolvendo, até mesmo, a destruição de povos e sua história, devido à total intolerância ao diferente, isto é, aquele que pensa e vive de outro modo. Mas tomando o nosso ofício como base, surge a pergunta: e nós psicanalistas como enfrentamos as diferenças na sociedade contemporânea? O que fazemos para tolerar e, mesmo, nos beneficiar das diferenças entre nós?

Muito se tem escrito sobre os pacientes da contemporaneidade, as dificuldades relacionais, a diminuição do interesse pela psicanálise e pela formação analítica. Este é um tema mundial e aflige Institutos e Sociedades. E por mais que façamos debates, despertamos a impressão de não saber como sintonizar com as angústias do mal estar contemporâneo.

Atiramos para todos os lados. Buscamos mudanças em nossos Institutos, tentando atender ao que imaginamos desejam os possíveis postulantes. E propomos abrir as Sociedades na busca de maior integração social. Criamos sofisticados programas de outreach para contatar a sociedade ampla e assim tentamos reconquistar o espaço perdido ao longo dos anos.

Às vezes, responsabilizamos o fato de termos abandonado o meio acadêmico ou o contato com a cultura. Talvez de tudo um pouco. Mas continuamos perplexos diante do melancólico reconhecimento de que já não somos mais tão queridos. Talvez isto se deva à idealização da psicanálise nos tempos de bonança e a não nos prepararmos para o inevitável isolamento que faz parte.

Fomos, durante algum tempo, procurados pela mídia para dar opinião e explicar fenômenos do comportamento humano. Hoje fomos substituídos por outros profissionais que, em breve, também serão substituídos.

A Psicanálise é feita com trabalho árduo e nem sempre reconhecido, o que não quer dizer que

não seja necessário. Mas apesar das dificuldades, sempre teremos alguém procurando quem o escute e assim estaremos a postos para a tarefa!

O mundo se apresenta complexo, parece haver uma falência das ideologias, uma dispersão das ideias e um fracasso do pensamento racional. No fracasso da política, surge a religião, afirma Regis Debray, como salvadora da moral dos tempos e da intolerância entre os povos.

Com respeito à psicanálise, avançamos nos estudos para a compreensão do não simbolizado, o não representado e, portanto o que não pode ser pensado e transformado. Somos nós psicanalistas tolerantes uns com os outros? Aceitamos e aproveitamos as ideias diferentes das nossas?

Estamos num paradoxo. Somos capazes de elaborar sofisticadas constelações mentais e de lidar com difíceis emoções de nossos pacientes. No entanto, parece que não conseguimos sintonizar com o que querem os jovens profissionais e nem com a compreensão da intolerância na sociedade contemporânea e, em menor escala, com nossas próprias instituições psicanalíticas.

Freud deu um passo magistral ao ouvir o que não era compreendido na época. Ouviu os sintomas histéricos! Absteve-se de pré julgar. Escutou aquilo que os sintomas diziam das dores dos pacientes. Deu sentido ao sintoma, criou uma técnica para lidar com ele e construiu uma obra monumental para compreender o homem e seu mal estar.

Pouco mais de cem anos depois dessa genial descoberta talvez tenhamos que despir o conhecimento adquirido para ouvir o que sente o homem e a sociedade contemporânea. Qual o mal estar? Qual a dor ou falta de dor que impede o homem de viver plenamente na contemporaneidade?

Mais uma vez, provavelmente a escuta seja nossa bússola.

A Psicanálise sempre viveu na adversidade. Freud descreveu o isolamento e as críticas que sofreu e as incompreensões de seus pares. E seguiu confiante que estava certo e diante de

A Psicanálise sempre viveu na adversidade. Freud descreveu o isolamento e as críticas que sofreu e as incompreensões de seus pares. E seguiu confiante que estava certo e diante de uma grande descoberta: o Inconsciente.



Altamirando Matos de Andrade Júnior

MEMBRO EFETIVO E
ANALISTA DIDATA DA SBPRJ

uma grande descoberta: o Inconsciente.

Foi modesto e realista ao dizer que os escritores criativos sabiam, desde sempre, sobre as experiências emocionais da natureza humana.

Dialogou com vários escritores e encheu sua obra de exemplos literários. Buscou na Antiguidade o entendimento dos fenômenos oníricos, aproveitou as experiências descritas pelos grandes nomes da literatura para mostrar que estava formulando uma teoria e uma técnica com elementos já escritos pelos homens da cultura. E mesmo assim sofreu a incompreensão, chegando ao cúmulo de ver seus livros queimados quando a intolerância maior tomou conta de parte da Europa no início dos anos trinta do século passado.

Hoje a IPA tem comitês importantes em diálogo com a comunidade como é o caso do comitê IPA-ONU. Este grupo solicita a participação da IPA em reuniões que organiza e a chair deste comitê está sempre presente levando a compreensão psicanalítica para os fenômenos abordados. Há bem poucos anos, Cláudio Eizirik participou de uma importante reunião na ONU, onde proferiu uma conferência. Programas de psicanálise e interface com o social proliferaram em diversas Sociedades no mundo: Bar Freud, Café Literário, Psicanálise e Cinema, Psicanálise e Interface Social e diversos outros espaços, onde psicanalistas levam suas ideias para o debate aberto com a comunidade.

Psicanalistas são chamados a integrar grupos de trabalhos sobre conflitos regionais como no caso de Chipre (Vamik Volkan) e dos armênios (Asbed Aryan). Grupos de reflexão sobre o Holocausto estão presentes em vários países.

Vemos, então, que a Psicanálise se movimenta em diversas frentes tentando debater e entender as diferenças na sociedade contemporânea.

Mesmo assim interferimos pouco ou quase nada em relação às manifestações de ódio frente às diferenças étnicas, religiosas e culturais. Talvez fosse muita pretensão esperar que tivéssemos condições de interferir ativamente nas questões sociais e políticas usando nossos instrumentos psicanalíticos. Quando muito poderíamos compreendê-las e debater. Só podemos ter alguma influência quando, ao lidarmos com os pacientes, conseguimos ajudá-los frente às suas intolerâncias, buscando obter um convívio mais harmonioso com as diferenças intrapsíquicas e intersubjetivas. E penso que isto já é bastante!

O DESEJO DE SER EXCEÇÃO

A entrevistada desta edição é a psicanalista **Heloisa Helena Sitrângulo Ditolvo**, Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Ela analisa o desejo de ser exceção apontado por Freud e vivificado por Shakespeare em *Ricardo III*. Confira:



**Heloisa Helena
Sitrângulo Ditolvo**

MEMBRO ASSOCIADO DA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE DE SÃO PAULO

FEBRAPSI Notícias: No texto “As exceções”, Freud analisa o desejo do ser humano de se considerar exceção e reivindicar privilégios em relação aos demais. Na contemporaneidade haveria uma exacerbação deste sentimento, a busca pela vivência de ser uma “exceção”?

Heloisa: Todo ser humano, de certa forma, sente-se “exceção” e a expressão deste sentimento muda a cada época, revestida de uma roupagem diferente. Porque o outro é mais inteligente, competente, talentoso, belo, rico, alto, baixo? Facilmente nos sentimos injustiçados pela natureza mãe. Mesmo numa multidão estimada pela ONU em sete bilhões de pessoas, nos reconhecemos “exceção”, uno e simultaneamente fazendo parte da comunidade humana. Essa tarefa de abstração e singularidade obedece ao que Freud chamou de narcisismo das pequenas diferenças, ilusão de ser melhor que o outro. O próprio narcisismo passa por novas narrativas e recebe formas de representação. Observamos, na contemporaneidade, a exacerbação do individualismo, onde o que mais interessa é o próprio sujeito, tão belo e tão prejudicado. Como exemplo, assistimos à crescente postagem nas redes sociais de imagens editadas e ilustradas nas famosas selfies, nas quais o entorno emoldura e destaca o rosto do próprio sujeito. Ele sorri para si mesmo, se agrada da própria imagem e clica seu smartphone. Mas, em seguida, precisa de muitos “likes” para reassegurar seu status. Qual a medida da suficiência? Quanto tempo até necessitar outra postagem? Nosso psiquismo, regido pela pulsionalidade, conduz à busca da satisfação e do prazer das necessidades e desejos. E é submetido às leis civilizatórias que garantem a vida em comunidade. Mas as leis mudam, determinando um homem diferente a cada período. Nossa subjetividade se constitui como produto da cultura. Porém, o homem não aceita pertencer a uma massa indiferenciada e nem sua definitiva incompletude. Buscamos nos mitos e em diferentes expressões artísticas, uma tentativa de explicar o que nos constitui. Precisamos das artes não só como elementos sublimatórios, mas, sobretudo, como busca do sentido e da beleza da vida. Auxiliam a suportar o traumático, o que não é passível de representação. Mas hoje, em função das novas tecnologias, nossa relação com o tempo sofreu uma importante alteração. É um tempo muito acelerado, efeito das novas e excessivas demandas de “performance”, da necessidade de acúmulo de capital, de expediente de trabalho e do imediatismo das experiências vividas, por vezes, como fugazes. A vivência emocional sofre um prejuízo na possibilidade de elaboração, na medida em

que é ultrapassada por outras experiências, e que não há mais como capturá-las. Ficam à deriva, como registros indiferenciados. Vivências de vazio, pânico.

Ficamos obsoletos dentro da nossa própria geração, além de premidos pela crescente concorrência. Buscamos abrigo na intensificação do narcisismo: triste engodo de estarmos a salvo.

FN: Ao abordar os aspectos psíquicos ligados ao desejo de ser uma exceção, Freud descreve: “posso fazer o mal, já que a mim foi feito o mal”.

A maldade na sociedade contemporânea poderia ser entendida como um reflexo deste sentimento nos sujeitos que a compõem?

Heloisa: A pergunta aponta para um dos problemas da sociedade contemporânea. O que é a maldade? Tentar encontrar uma causa ou justificativa seria reduzir, e deixar incompleto, um conceito moral, que, assim como toda moralidade, se transforma, adquirindo características distintas nas diferentes sociedades.

A violência e a maldade não são traços específicos da contemporaneidade. Afinal, nas sociedades medievais, nos tribunais da Inquisição e em todas as guerras onde as leis foram alteradas de acordo com os interesses da época as maldades aconteciam exatamente como hoje. Os governantes e a Igreja não têm o direito de exercer, em nome da autoridade que lhes era, e ainda é, outorgada, todo e qualquer ato de violência? Desde a mitologia grega, os deuses, quando desobedecidos, eram tomados por iras avassaladoras e imprimiam terríveis castigos aos que os desagradavam. Porém, deuses também mudam de acordo com os mitos e valores de cada época. Quais seriam os deuses contemporâneos? O triunfo, o sucesso, o midiático. A psicanálise também pode funcionar como arsenal mitológico. Jacques Le Goff discorre sobre a gênese do Purgatório, no final do século XII, quando se cria um terceiro lugar para dar uma oportunidade de reparação e arrependimento pelos erros cometidos. O homem livra-se do mal e alcança o bem, chega ao Paraíso. Na Divina Comédia, Dante Alighieri, ao percorrer com Virgílio os círculos do inferno, descreve com realismo os castigos e tormentos eternos que as almas sofreriam por terem cometido pecados em vida. As cenas infernais, os dramáticos e cruéis castigos criados por Dante, foram colhidos da Mitologia, de outros escritos e de sua própria imaginação. É uma criação da extrema beleza e poesia, contraponto ao terror e ao ódio que o homem pode conter. Freud considera o amor e o ódio como parte da nossa constituição, sendo necessário o recalamento dos impulsos destrutivos e sexuais para sobrevivência da espécie.

Seguimos leis básicas de proibição do incesto e parricídio e ficamos reféns do terror da castração. Por amor, somos induzidos a acatar e respeitar as leis e a evitar os castigos do não cumprimento. O homem sempre oscilará entre o bem e o mal. Requeremos um esforço de contracorrente para não nos deixarmos atrair pelo fundamentalismo.

FN: Ainda nesse artigo, Freud faz referência ao texto de Shakespeare *Ricardo III* como ilustração da questão das “exceções”. Poderíamos pensar em representantes deste personagem shakespeariano na atualidade?

Heloisa: Ricardo III se autoriza a cometer atrocidades, traições e assassinatos: e causa fascínio no espectador, que, em alguma medida, se identifica com o personagem. Ele mesmo se surpreende com o grau de sedução e poder que experimenta no desenrolar de seu perverso e cruel plano para ser rei.

Shakespeare é contemporâneo justamente porque as personagens são semelhantes a todos nós. Suas peças mostram com profundidade e clareza como podemos ser injustos, sádicos, violentos e viver na iniquidade. Harold Bloom afirma que Shakespeare inventou o humano.

Porém sentimo-nos exceção! Cada um de nós, em alguma medida, sente-se uma exceção. Podemos buscar representantes de Ricardo III em qualquer momento da história e nos surpreenderemos com a quantidade de homens que se dão direitos exclusivos, desconsiderando a ética e a moral.

Quando o tirano diz a célebre frase “Cavalo! Meu reino por um cavalo!”, desamparado, sozinho e sem recursos, dá-se conta de seu reduzido tamanho e de sua finitude. Nada pode garantir a coroa ou a vida, ele morre. Esta peça retrata de forma magistral, segundo Jan Kott, a busca incessante de poder, onde se faz de tudo para chegar ao topo, lugar atraente, porém efêmero, porque logo virá o rolo compressor do grande mecanismo da história para derrubá-lo. Assim como este rei, nós fracassamos na tentativa de conseguir tudo, embora o poder seja fruto do elemento fálico, portanto intrínseco à nossa sexualidade. Dentre as muitas leituras desta peça, o universal elemento do narcisismo abre espaço para o entendimento do ódio e sadismo, Eros e Tânatos, enquanto a maldade e bondade são questões de valores. Com perplexidade temos, diariamente, nos jornais, exemplos cuja vida pregressa com qualquer registro de sofrimento ou precariedade autoriza formas ilícitas na busca dos objetivos particulares ou grupais. A barbárie que assistimos diariamente em todo mundo é um indicativo da destrutividade do homem, regido pela pulsão de morte, ele mata e ele morre. Apesar disso tudo, a renúncia ao desejo é o que nos constitui como humanos.

CORPO É TEMA DO CONGRESSO DA FEPAL, NA COLÔMBIA, EM 2016

XXXI CONGRESSO LATINOAMERICANO DE PSICANÁLISE de 14 a 17 de setembro de 2016, em Cartagena das Índias, Colômbia.

Com o tema CORPO a proposta do encontro é colocá-lo em cena no pensamento psicanalítico e abrir a investigação em suas diversas dimensões: corpo erógeno, biológico, como construto social, corpos interagindo com outros corpos, sua presença nas artes, enfim, em suas mais variadas manifestações.



*Hotel Las Américas
Cartagena - Colômbia*

Para o Presidente da Fepal, Fernando Orduz, "Os corpos tendem a mostrar, por reflexo de suas marcas, um mundo que está além de si mesmos, um movimento que se estende além do corpo, o transcende. Essas narrativas são a história do corpo que está escrita de maneira permanente e presente. O que chega ao consultório é um corpo que fala, um gesto que faz a transferência de uma história. Não é a palavra que traz de volta o inconsciente, mas seus tropeços, seu silêncio, um ato corporal que não atinge a palavra consciente".

O olhar também se volta ao Corpo latino americano, atravessado pelo tempo, pela história de suas regiões, de seus países, pela política, deitado em suas raízes multiculturais.

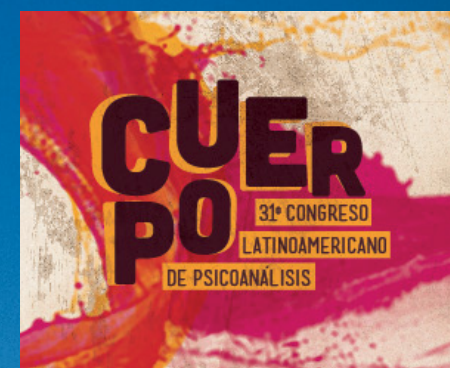
O corpo subjetivo será abordado a partir de três eixos: o corpo na teoria, o corpo na clínica e o corpo na cultura. Serão acolhidos os seguintes formatos e modalidades de atividades:

- Painéis (trabalhos em grupo: coletivos Societários/Intersocietários)
- Oficinas
- Pôsteres
- Filmes
- Cursos
- Trabalhos individuais.

Nos dias 13 e 14 de setembro de 2016 se realizarão os "Working Parties", o congresso da OCAL, o congresso didático, o congresso da COWAP.

A ênfase será promover os trabalhos coletivos, estimulando a prática colaborativa entre os psicanalistas e Sociedades, núcleos e grupos psicanalíticos da América Latina. Pois entende-se que o conhecimento compartilhado por redes gera trocas que podem oferecer novas formas de atuação e desafia a pensar sobre o fazer teórico/clínico da psicanálise nos seus múltiplos registros, explorando as singularidades da psicanálise exercida no continente americano.

Os trabalhos iniciarão às 7h da manhã com atividades aproximadamente até às 14h45, para que as pessoas possam desfrutar da cidade, da praia ou descansar. Os trabalhos serão retomados às 18h30 com as tertúlias: momento de conversas descontraídas, com literatos, filósofos e artistas colombianos, espalhadas pelo centro de Cartagena, sempre abertas a toda comunidade.



*Para maiores informações
acesse o site: www.fepal.org*



NASCE A SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE MINAS GERAIS

No dia 23 de julho, no 49º Congresso Internacional de Psicanálise nasceu a Sociedade Psicanalítica de Minas Gerais (SPMG), a mais nova Sociedade da América Latina, com o certificado da International Psychoanalytical Association (IPA), em solenidade do Business Meeting, no Congresso Internacional da IPA.

N a ocasião, Sérgio Kehdy, até então presidente do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais, proferiu, em nome do Grupo, um histórico, desde a criação do Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte (sob a responsabilidade da SPRJ), cujo primeiro coordenador foi o Dr. Victor Manoel Andrade.

Em seu discurso, Dr. Kehdy, agora presidente da Sociedade Psicanalítica de Minas Gerais, ressaltou que criar uma Sociedade é uma das

tarefas mais difíceis que pode existir, mesmo contando com a boa vontade de todos. Agradeceu algumas das pessoas, certamente não todas, que foram vitais para alcançar esse objetivo. Foi um momento histórico e festivo.

Entusiasmado ele afirma, "Ainda estamos em festa e quero enaltecer os colegas que trabalharam para nossa chegada. Todos 'carregamos o piano' em algum momento da história, pois por se tratar de um grupo pequeno, os cargos foram exercidos por todos". Segundo ele, "Todos os candidatos lutaram

DR. SÉRGIO KEHDI,
PRESIDENTE DA SPMG



e continuam a lutar, são disponíveis e estão atuantes nas associações e nas redes sociais, colaborando muito para divulgar e manter a instituição viva e alegre".

Pensando o futuro, o presidente constata: "Esperamos ter vida longa e corresponder ao anseio de todos e, principalmente, daqueles que pegam no pesado, ou seja, todos os membros do nosso grupo". Kehdy destaca ainda a atuação da FEBRAPS, como grande apoiadora nessa nova conquista.

DR. STEFANO BOLOGNINI,
PRESIDENTE DA IPA
(À ESQUERDA)
E DR. SÉRGIO KEHDI,
PRESIDENTE DA SPMG

AS NOVIDADES DA REVISTA BRASILEIRA PARA 2016

A Revista Brasileira de Psicanálise apresenta a sua programação editorial para 2016, para estimular que os psicanalistas interessados ou que estudem o tema, enviem seus artigos.

Para o número 50 -1 já está preparada uma edição especial, dedicada aos 50 anos da Revista Brasileira.

O tema do número 50 - 2, alinhado com as propostas do Congresso da Fepal, será **In Corpore**, pois, desde o trabalho de Freud com as pacientes histéricas, o corpo humano não se resume aos processos orgânicos e a clínica psicanalítica jamais o perde de vista.

O tema do número 50-3 será **O analista desconcertado**, focado em situações nas quais a estabilidade do *setting*, que acolhe as imprevisibilidades das manifestações inconscientes, rompe-se, desconcertando o analista, mas trazendo contribuições para a técnica psicanalítica.

RBP

Revista
Brasileira de
Psicanálise

E, por fim, o 50-4 terá como tema Silêncio, buscando questionar quais são os sentidos que a experiência do silêncio pode ocupar na clínica psicanalítica, apelidada por Anna O. de *talking cure*?

A editora Silvana Rea afirma que "Com esta iniciativa, esperamos manter o compromisso de que a Revista seja representativa da diversidade brasileira".

Além das novidades dos temas, a Revista tem agora novo site www.rbp.org.br e novo endereço de e-mail: rbp@rbp.org.br.

A criança e as novas CONFIGURAÇÕES FAMILIARES



INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA



Gina Khafif Levinzon

MEMBRO EFETIVO DA SBPSP,
DOUTORA EM PSICOLOGIA CLÍNICA-USP,
COORDENADORA DO GRUPO DE ESTUDOS
SOBRE PARENTALIDADE E ADOÇÃO DA SBPSP

A importância da família no desenvolvimento emocional da criança é indiscutível. Com as mudanças sociais deparamo-nos cada vez mais com as chamadas “Novas configurações familiares”, que apresentam novos arranjos entre os membros em relação à estrutura tradicional de família. Assim, famílias monoparentais femininas ou masculinas, homoparentais, compostas por filhos de diferentes uniões, famílias de produções independentes ou ainda providas de diferentes condições de procriação como barrigas de aluguel, fertilização assistida, congelamento de embriões, doação de gametas anônima ou não, passaram a povoar o cenário social em que vivemos. Algumas destas formas de filiação já existiam, como por exemplo, aquelas em que as crianças eram criadas por apenas um dos genitores, em geral a mãe, ou as situações de concubinato com filhos de diferentes uniões. A diferença é que hoje em dia esses arranjos se inserem num padrão considerado cada vez mais usual e reivindicador de direitos próprios na conjuntura social.

Muitas questões decorrem dessa diversidade na estrutura das famílias: quais as consequências, para uma criança, da ausência estabelecida a priori de um pai ou de uma mãe? As novas famílias que se formam em decorrência dos divórcios trazem consigo novas relações, por vezes conflituosas. Como lidar? Qual o efeito das novas tecnologias reprodutivas na subjetividade e nos vínculos? Para se ter filho necessariamente deve haver um casal formado por uma mulher e um homem?

Não há uma resposta única para essas indagações. Cada caso é um caso. No entanto, podemos encontrar alguns denominadores comuns, como por exemplo, a modificação do papel do homem e da mulher na atualidade. Com o advento da emancipação das mulheres e sua participação cada vez maior no sustento da família, o lugar do pai como único provedor e autoridade máxima da família não é mais determinante. Em “A família em desordem” Roudinesco nos alerta para o declínio da autoridade paterna e suas consequências. Apesar disso, autora acentua que a família, em todas as suas formas possíveis, continua sendo reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar: “ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições”.

O Complexo de Édipo, pilar essencial do desenvolvimento humano, também é colocado em questão: se há apenas uma mãe ou um pai, ou além da mãe e do pai há padrastos e madrastas advindos de novos casamentos dos pais, ou ainda se a criança é filha de pais do mesmo sexo, como se configura sua constelação edípica? Segundo Lebovici, se não há um pai “tem de se inventar um”. Para ele, é preciso “assegurar uma estrutura triangular na relação”. Cada vez mais, deixamos de falar apenas em pai e mãe e passamos a nos referir às funções materna e paterna, que podem ser exercidas independentemente do gênero masculino ou feminino.

Nas famílias reconstituídas, advindas do divórcio dos pais e de suas novas uniões, encontramos as crianças às voltas com a necessidade de um esforço de adaptação ao novo entorno. Entram em suas vidas padrastos e madrastas, novos “irmãos”, filhos dos companheiros de seus pais, com diversos arranjos possíveis. As ligações afetivas se fazem e desfazem em alguns casos com grande velocidade. Frequentemente encontramos situações de litígio entre os pais e a utilização da criança como instrumento da discórdia do casal inicial. A dificuldade de elaborar o luto pela separação pode perdurar nos pais e repercutir nos filhos, que são sobrecarregados com sentimentos de orfandade e confusão. O desafio da família reconstituída é encontrar equilíbrio dentro do interjogo complexo de sentimentos que atinge todos os integrantes e em especial as crianças. Para isso é necessário maturidade, flexibilidade e em alguns casos ajuda profissional.

As novas modalidades de procriação, por meio de fertilizações in vitro, também têm sido objeto de estudo quanto à diversidade em relação ao modelo tradicional de se construir uma família. Entre um homem e uma mulher que geram um filho passa a haver um médico, uma clínica, inúmeros procedimentos de laboratório, e, na maioria das vezes, várias tentativas infrutíferas antes do advento da gravidez desejada. A relação a dois na geração de um filho desde o início é intermediada por outro. Não podemos precisar qual o impacto que esse fato pode ter no posterior desenvolvimento da família e da criança. Provavelmente dependerá de cada caso. Recordo-me da mágoa de uma mãe que acusava o marido de não tê-la acompanhado por ocasião da fertilização in vitro de seu filho. O esposo, muito atarefado, deixou todo o processo de fertilização a cargo da esposa. Ele apenas contribuiu

com os espermatozoides. O sentimento dessa última de estar só se prolongou por muito tempo e tinha repercussões claras no panorama emocional do filho.

Em alguns casos, por problemas no homem ou na mulher, a fertilização ocorre com doação de gametas e pode também ser chamada de adoção de embriões. Nesses casos, encontramos sentimentos diversos, que podem ou não representar um problema para a criança ou para a família. Isso vai depender, entre outros fatores, do grau de elaboração do luto pela impossibilidade de gerar um filho e dos ciúmes por assistir à junção dos gametas do parceiro com os de outra pessoa, anônima ou não. Pode ocorrer uma dificuldade do casal de contar ao filho sobre sua origem genética, como se isso significasse uma vergonha, uma falha imensa, ou, da parte do homem, prova de falta de virilidade. Da parte da criança, poderão surgir questionamentos quanto à sua identidade e origem genética, da mesma forma como vemos nas pessoas adotadas. Tenho observado na minha clínica que, em comparação às famílias constituídas por processos de adoção tradicional, ter o filho na barriga ou ter estado na barriga da mãe que o criou traz frequentemente um sentimento de pertencimento maior, mesmo que a origem genética seja diversa. Essa observação precisará, sem dúvida, ser confirmada por pesquisas mais apuradas.

A homoparentalidade, cada vez mais comum e assumida socialmente, constitui-se em outra modalidade de configuração familiar com características particulares. Pesquisas têm mostrado que não há diferenças significativas no psiquismo de filhos de um casal heterossexual ou homossexual. Estes últimos não se tornarão necessariamente homossexuais, assim como o casal heterossexual poderá ter um filho gay. Isso não significa que não há desafios neste tipo de filiação. Haverá, por exemplo, a necessidade de prover à criança um contato mais próximo com uma pessoa de sexo oposto ao dos pais da criança, para ajudá-la a formar elementos de identificação e uma configuração psíquica mais abrangente. A família toda também terá de lidar com o preconceito social.

À Psicanálise não cabe “normatizar” como deveria ser a estrutura da família, mas contribuir para que os diversos integrantes encontrem o melhor equilíbrio emocional possível. Ser pai ou mãe não significa apenas ter um filho. Os pais precisam adotar seus filhos, e estes necessitam ser investidos narcisicamente por seus pais, de forma saudável. Como psicanalistas, nos encontramos na situação privilegiada de respeitar a singularidade de cada pessoa, de cada família, e ao mesmo tempo promover condições para o fortalecimento de seus vínculos afetivos.



Arte, história E PSICANÁLISE NO PALCO

Ricardo III, uma das tragédias de William Shakespeare (1564-1616) foi brilhantemente transformada em um monólogo pelo diretor Sergio Módena e pelo ator Gustavo Gasparani, que, representando diversos personagens, consegue compartilhar com o público a saga de um rei sedento pelo poder. O reconhecimento deste trabalho veio na indicação a prêmios como Cesgranrio, Shell, APTR, FITA e APCA-SP.

Falando ao FEBRAPSI Notícias, Módena - que é bacharel em Artes Cênicas pela Unicamp e também formado pela École Philippe Gaulier em Londres, onde realizou especializações em Shakespeare, Tchecov e Melodrama - faz uma interessante reflexão sobre a atemporalidade dos personagens de Shakespeare.

Entre seus trabalhos mais recentes como diretor estão ainda "Politicamente Incorretos", de Ana Velloso; "A Arte da Comédia", de Eduardo De Filippo; "Bossa Novinha" e "Sambinha" ambos musicais de Ana Velloso; "As Mimosas da Praça Tiradentes", de Gustavo Gasparani e Eduardo. Adaptou o conto "O Soldadinho de Chumbo", de H. C. Andersen, para o espetáculo "O Soldadinho e a Bailarina", com Luana Piovani e direção de Gabriel Villela.

Assim como na peça, na entrevista Módena ajuda a pensar a vida a partir de um viés que perpassa a história, a arte e a própria psicanálise, entrecruzando diferentes saberes. Confira:

FEBRAPSI: Da mesma forma que outros personagens shakespearianos, Ricardo III parece perpassar o tempo. Mesmo sendo uma obra teatral do século XVI, parece-nos extremamente atual em sua maldade desmedida e em sua sede pelo poder. O que você pensa sobre essa semelhança atemporal? E a que fatores você atribui esta atemporalidade dos personagens de Shakespeare?

Sergio Módena: Os personagens shakespearianos são atemporais porque são demasiado humanos. Como bem disse Harold Bloom em seu livro "Shakespeare - A invenção do Humano", o autor foi capaz de trazer para a cena, em pleno século XVI, a complexidade e as contradições que compõem a alma humana de uma forma inédita até então. É por essa

razão que Shakespeare é lido e relido, através dos séculos, em diversas culturas. Todos nós reconhecemos as aflições, os desejos e questionamentos de seus personagens. No caso de Ricardo, temos um homem perverso capaz de tudo para conseguir o poder. Devido à sua natureza disforme, ele não se sente confortável num ambiente de paz. Ele pertence ao reino das sombras. Ricardo necessita da guerra e das intrigas palacianas para se sentir vital. Sabemos que Shakespeare foi influenciado por Maquiavel quando escreveu Ricardo III. Portanto, o conceito de que "os fins justificam os meios" nunca foi tão brilhantemente retratado. E, obviamente, isso continua bastante pertinente em nossos dias. Basta observarmos diversos políticos, chefes de estado, ditadores e até mesmo líderes religiosos para encontrarmos um paralelo bastante atual.

FEBRAPSI: Em determinado momento da peça, Ricardo III refere que a consciência é um instrumento dos fracos. Levando-se em conta essa afirmativa e os fatos com os quais convivemos diariamente, como você poderia pensar o estado de consciência nos tempos atuais?

Módena: A não consciência é o fracasso do ser humano. É a ausência do pensamento e da reflexão e também de tudo aquilo que nos qualifica como seres responsáveis. A consciência é que permite a organização da sociedade, a criação da ética e da justiça. São os pilares da civilização. Sem a consciência, somos animais. E é essa força obscura quase animalesca que alimenta Ricardo (não por acaso chamado de javali sanguinário). Mas o curioso é que, paradoxalmente, Ricardo é um grande estrategista. Ele calcula suas ações. Ou seja, é absolutamente consciente de seus atos (por isso jamais pode ser considerado uma vítima de seus desejos). Mas nesse caso temos

o conhecimento a serviço da mesquinhez, da ambição e da destruição. E, desse modo, ele de nada adianta. Essa é a grande questão levantada em Galileu, de Bertolt Brecht. O que importa de fato é o bom ou mau uso do conhecimento que adquirimos.

FEBRAPSI: Na forma como você apresenta Ricardo III, interagimos durante todo o espetáculo com a maldade, a frieza e a sedução dele. Tudo isto permeado por um quantum de humor. Qual o papel do humor em sua montagem?

Módena: Esse humor é fruto de um pacto estabelecido desde o início da peça entre o protagonista e o público. Ricardo confessa sem meias palavras suas reais intenções para o espectador e declara que vai fingir, enganar e manipular quem estiver ao seu redor. Ou seja, somos convidados a participar desse jogo absolutamente teatral que Ricardo nos apresenta. Percebemos que ele vai interpretar diversos personagens. Ele mesmo comenta suas façanhas, desdenha dos personagens que

*A não consciência
é o fracasso do ser
humano. É a ausência
do pensamento e
da reflexão e também
de tudo aquilo que nos
qualifica como seres
responsáveis.*

Shakespeare era um autor extremamente popular. Ele escrevia de acordo com as necessidades do palco e até mudava as falas dependendo do elenco que tinha.



ele enganou e anuncia seus próximos passos. Portanto, ele mesmo, ao quebrar com a ação dramática, cria um distanciamento interessante. E esse seu “comentário da cena” resulta muitas vezes engraçado. Outro aspecto que revela o humor nessa peça é a ambição desmedida do personagem e sua total falta de limites para conseguir a coroa. Quando a plateia vai vendo até onde o personagem pode chegar para conseguir seus objetivos, ela também ri. É um riso nervoso, incrédulo (como quando Ricardo anuncia que pretende matar a esposa e casar com sua sobrinha). Ele já ultrapassou todos os limites morais. Está mergulhado em sangue. É assustador, mas também patético.

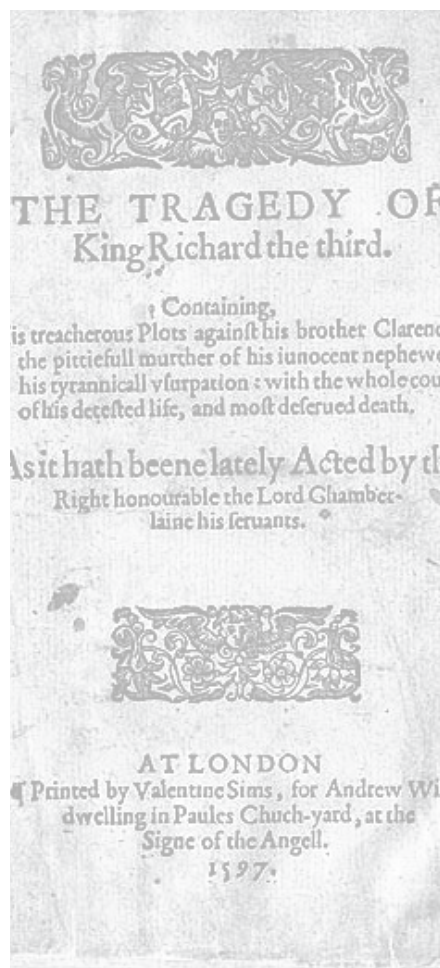
FEBRAPSI: A forma como você montou a peça Ricardo III pareceu-nos bastante interessante. Como surgiu a ideia de um único ator (Gustavo Gasparini) desempenhar o papel de 21 personagens?

Módena: Como eu disse anteriormente, podemos considerar Ricardo um grande ator, já que ele interpreta diversos personagens para conseguir o que quer. Ele é capaz de agir muito facilmente como um bom cristão, um irmão preocupado, um duque devotado e um tio carinhoso. E tudo isso é fruto de sua admirável arte de interpretar. Portanto, considero a peça extremamente teatral. Ela, de certa forma, comenta o próprio teatro. É um jogo poderoso entre espectador e o protagonista. Por isso, achei que seria interessante expandir essa dinâmica. Ou seja, um ator sozinho em cena interpreta diversos personagens, incluindo Ricardo, que também assume diferentes personas. Esse procedimento, no meu entender, vai de encontro com a natureza teatral do protagonista. É um jogo lúdico e interessante quando testemunhamos um ator

criando um mundo todo usando apenas aquilo que é minimamente necessário. No caso, é a imaginação do público que constrói os palácios, os vestidos, a tumba, a torre, etc. E claro, eu tive a sorte de ter um grande ator para fazer isso. Gustavo Gasparini é um ator completo, altamente capacitado, seja corporalmente, vocalmente, criativamente e intelectualmente. É um mestre da cena. Assisti-lo é uma verdadeira aula de teatro.

FEBRAPSI: Para finalizar, qual a sua intencionalidade principal com este trabalho? Como tem sido a reação do público ao espetáculo?

Módena: Nossa intenção era contar essa história de modo claro para que todos pudessem entender a trama. Acho que fomos vitoriosos nesse ponto. A figura do narrador ajuda a contextualizar os aspectos históricos que cercam a peça e que são bastante complexos (nem mesmo os ingleses de hoje entendem as relações familiares que constituem a dinastia Plantageneta). Ouvimos sempre as pessoas dizerem que entenderam a peça pela primeira vez. Isso é um grande elogio. A reação do público é sempre calorosa. As pessoas se sentem prestigiadas e incluídas no jogo cênico, pois acompanham cada passo do protagonista. Até mesmo as crianças que já nos assistiram embarcam na história e reconhecem os procedimentos lúdicos da encenação. Shakespeare era um autor extremamente popular. Ele escrevia de acordo com as necessidades do palco e até mudava as falas dependendo do elenco que tinha. Jamais foi um escritor isolado em seu gabinete pensando um escrever para um público seletivo de iniciados. Nosso objetivo, desde o início, foi resgatar esse aspecto popular de sua dramaturgia.





calendário nacional

FEVEREIRO

► 27

SBPSP - Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
Abertura do Ano Científico: "Melanie Klein: a transmissão de seu legado"

MARÇO

► 02

SPMS - Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul
Início das reuniões mensais do Departamento de Assistência Psicológica -
O Exercício da Escuta Psicanalítica

ABRIL

► 29 e 30

GEPGOIÂNIA
Curso: Constituição das Primeiras Identificações

MAIO

► 14

Grupo Psicanalítico de Curitiba
Jornada sobre o Pensamento de Ogden e Antonino Ferro

► 20 e 21

SPMG
Jornada anual: "O adolescente em seus conflitos, encontros e desencontros"

JUNHO

► 10 e 11

GEPGOIÂNIA
Curso: Constituição das Primeiras Identificações

O CONGRESSO DA FEBRAPS É UM MOMENTO DE RECONHECIMENTO

Conheça a relação de trabalhos premiados:

PRÊMIO "DURVAL MARCONDES"

Destinado aos Analistas-Didatas: trabalho "Uma teoria sobre a constituição do superego cruel", de Marion Minerbo. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

PRÊMIO "FÁBIO LEITE LOBO"

Destinado aos Membros Efetivos: trabalho "Ensaio sobre algumas abstrações: nosso Universo Simbólico A Valência da Palavra", de Sandra Luiza Nunes Caseiro. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

PRÊMIO "MÁRIO MARTINS"

Destinado aos Membros Associados: trabalho "O Rei e a omelete de amoras", de Margaret Waddington Binder. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

PRÊMIO "JOÃO BOSCO CALÁBRIA OLIVEIRA"

Destinado aos Candidatos: trabalho "Mãos ao alto: perdeu playboy!", de Sylvia Tereza Magalhães Padilha Pupo Netto. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

PRÊMIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CANDIDATOS

Trabalho "Um balanço entre as ondas do passado e as atuais: reflexões sobre a fase inicial de formação psicanalítica", de Eliana Tomasel. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

PRÊMIO DA REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Trabalho "Après-coup: a dimensão traumática", de Zelig Libermann. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Aloysio Augusto D'Abreu
Secretário Geral: Paulo Cesar C. Lessa
Tesoureiro: Rosângela de O. Faria
Dir. Científico: Daniel Delouya
Dir. Conselho Profissional: Ana Paula T. Machado
Dir. Publicações e Divulgação: Zelig Libermann
Dir. Relações Exteriores: José Fernando de Santana
Dir. Superintendente: Vera Lucia de F. Benchimol

GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Karel De Ublo

SECRETARIA

Renata Lang Marcel

CONSELHO PROFISSIONAL

Diretora: Ana Paula T. Machado
SBPSP: Alicia B. D. de Lisono
SPRJ: Paulo Cesar C. Lessa
SBPRJ: Wania Maria C. F. Cidade
SPPA: Jair R. Escobar
SPR: Eduardo Afonso Jr.
SPB: Sylvaim N. Levi
SBPdePA: Beatriz S. Behz
SPPel: José Francisco R. Pereira
SBPRP: Maria Auxiliadora Campos
APERJ-Rio4: Sergio Antônio C. da Costa
SPMS: Ana Deise L. Cardoso
GEPMG: Elieane de Andrade
GEPG: Daniel Emídio de Souza
GEPFor: Roberto N. Teixeira
GEPCampinas: Hang Ly Homem de I. Rochel

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Bernanrdo Tanis
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Daniel Delouya
Secretária: Beatriz T. Busatto
SBPSP: Vera Regina J. R. M. Fonseca
SPRJ: Marisa Helena L. Monteiro
SBPRJ: Liana A. de M. Bastos
SPPA: Maria Elisabeth Ciment
SPR: Carolina C. Henriques
SPB: Mirian Elisabeth B. R. de Gregorio
SBPdePA: Silvia Skowronsky
SPPel: Christine M. C. Vinhas
SBPRP: Lia Fátima C. Falsarella
APERJ-Rio4: Eliana Lobo
SPMS: Joelma D. Victoriano
GEPMG: Rosália L. M. Bicalho
GEPG: Marísia Abrão
GEPFor: Galba L. Junior
GEPCampinas: Martha P. e Silva
GPC: Sérgio Kaio

DELEGADOS

Ana Cláudia de Almeida
Álvaro Velloso
Ana Paula T. Machado
Andreas Z. Linhares
Anette B. Luz
Carlos de A. Vieira
Celmy de A. A. Q. Correa
Christine M. C. Vinhas
Edival Antonio L. Perrini
Gisèle de M. Brito
Hang Ly Homem de I. Rochel
Helena A. Surreaux
Hemerson Ari Mendes
Jose de Matos
José Fernando de S. Barros
Judith Letsche
Lenita O. Araújo
Luiz T. O. Lima
Magda S. Passos
Maria Adelaide da C. N. Leonardo
Maria de Fátima Chavarelli
Marísia Abrão
Nelson José N. Rocha
Nilde J. P. Franch
Paulo Marchon
Rachel B. L. Beltrame
Regina P. Klarmann
Roberto C. Jabur
Sergio Cyrino
Sergio Eduardo Nick
Sérgio Kehdy
Valton de M. Leitão

Soc. Bras. de Psicanálise de São Paulo (SBPSP):

Nilde J. P. Franch

Soc. Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ):

José de Matos

Soc. Bras. de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ):

Celmy de A. A. Q. Correa

Soc. Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA):

Anette B. Luz

Soc. Psicanalítica do Recife (SPR):

José Fernando de S. Barros

Soc. de Psicanálise de Brasília (SPBSb):

Carlos de A. Vieira

Soc. Bras. de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA):

Helena A. Surreaux

Soc. Psicanalítica de Pelotas (SPPel):

Hemerson Ari Mendes

Soc. Bras. de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP):

Rachel B. L. Beltrame

Assoc. Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ - Rio4):

Maria Adelaide da C. N. Leonardo

Soc. Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS):

Lenita O. N. Araújo

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG):

Sérgio Kehdy

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG):

Álvaro A. Velloso

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor):

Paulo Marchon

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEP Campinas):

Nelson José N. Rocha

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC):

Edival Antonio L. Perrini

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

N. de Psicanálise de Marília e Região
N. Psic. de Natal
N. Psic. de Maceió
N. Psic. de Florianópolis
N. Psic. de Aracaju
N. Psic. do Espírito Santo
N. Psic. de Salvador
N. Psic. de Santa Catarina